

# A construção do *ethos* e a Linguística Popular: relações (im)possíveis nas redes sociais?

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3840>

**Tamires Bonani Conti<sup>1</sup>**

**Paula Camila Mesti<sup>2</sup>**

## Resumo

Este artigo-ensaio analisa um caso exemplar de construção de *ethos* de um sujeito que se posiciona como linguista popular em ambiente digital, a partir de debates sobre o uso de pronomes neutros nas redes sociais, especialmente no Instagram. Com base nos pressupostos da Linguística Popular e da Análise do Discurso francesa, mobilizamos principalmente as contribuições de Marie-Anne Paveau e Dominique Maingueneau para discutir como não linguistas produzem saberes linguísticos e os articulam a posicionamentos político-ideológicos. A análise evidencia como, no caso examinado, o discurso sobre a língua funciona como dispositivo de legitimação simbólica e de inscrição identitária no debate público digital. Argumenta-se que a Linguística Popular constitui um campo privilegiado para compreender a dimensão política dos discursos linguísticos nas redes, ainda que os resultados aqui apresentados se restrinjam ao recorte analítico proposto.

**Palavras-chave:** Linguística Popular; *ethos*; pronomes neutros.

---

1 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; [tamy\\_bonani@hotmail.com](mailto:tamy_bonani@hotmail.com); <https://orcid.org/0000-0002-5572-6007>

2 Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil; [paulamesti@hotmail.com](mailto:paulamesti@hotmail.com); <https://orcid.org/0000-0002-9778-5347>

## The construction of *ethos* and Folk Linguistics: (im)possible relations on Social Media?

### Abstract

This essay examines the construction of *ethos* by subjects who position themselves as folk linguists in digital environments, focusing on debates about gender-neutral pronouns on social media, particularly Instagram. Drawing on Folk Linguistics and French Discourse Analysis, the study relies mainly on the theoretical contributions of Marie-Anne Paveau and Dominique Maingueneau to discuss how non-linguists produce linguistic knowledge and articulate it with political and ideological stances. The analysis of a digital *corpus* shows that discourses about language operate as symbolic legitimization devices, enabling the construction of conservative or progressive *ethose*. We argue that Folk Linguistics provides a productive framework for understanding the political dimension of linguistic discourses in contemporary digital contexts.

**Keywords:** Folk Linguistics; *Ethos*; Gender-neutral pronouns.

### Introdução

O reconhecimento de trabalhos de relevância para a Linguística tornou-se possível por meio da Linguística Popular, campo ainda pouco explorado no Brasil. Segundo a pesquisadora francesa Marie-Anne Paveau, existe “[...] um conjunto de práticas linguísticas designáveis como *folk*” que evidencia que “[...] um novo campo de investigação particularmente rico se abriu para os linguistas que se preocupam com quaisquer produções imaginárias e representacionais dos falantes” (Paveau, 2018, p. 23). Assim, neste trabalho, caracterizado como ensaio, dadas suas proposições iniciais, propomos articular a Linguística Popular com a Análise do Discurso, mais especificamente com os trabalhos do discursivista francês Dominique Maingueneau acerca da categoria de *ethos* (Maingueneau, 2020) e com estudos recentes de Marie-Anne Paveau sobre o digital (Paveau, 2020).

Em 28 de julho de 2023, a escritora e crítica cultural Heloisa Teixeira, então com 84 anos, tornou-se a décima mulher a tomar posse na Academia Brasileira de Letras (ABL). Em seu discurso de posse, a escritora utilizou pronomes neutros com o objetivo de contemplar a comunidade LGBTQ+ presente, o que gerou ampla repercussão na mídia e nas redes sociais. Questionado sobre o ocorrido, o presidente da ABL, Merval Pereira, afirmou em entrevista que “[...] não é o momento de expressões como ‘todes’ entrarem oficialmente na língua portuguesa”. Essa declaração teve grande circulação, sobretudo nas redes sociais, por meio de sujeitos que se posicionaram contrariamente ao uso de pronomes neutros. Nesse acontecimento, interessa-nos observar como tais sujeitos, de modo marcadamente ideológico, apropriaram-se de discussões sobre a linguagem em seus perfis no Instagram, associando-as a posicionamentos político-partidários.

Diante disso, este artigo-ensaio tem por objetivo analisar, em um estudo de caso, como se constrói o *ethos* de um sujeito que se posiciona como “linguista popular” no Instagram, a partir de um debate sobre o uso de pronomes neutros. Busca-se, assim, compreender de que modo discursos sobre a língua funcionam como dispositivos de legitimação simbólica e de inscrição ideológica no ambiente digital, sem pretensão de generalização empírica para o conjunto dos debates em circulação nas redes sociais.

À luz dos estudos de Paveau (2018), especialmente do texto *Não linguistas fazem linguística? Por uma abordagem antieliminativa das ideias populares*, consideramos a possibilidade de não linguistas produzirem saberes linguísticos. Esses sujeitos, provavelmente atuantes em diferentes esferas profissionais, não possuem formação acadêmica em Linguística, mas, ainda assim, produzem discursos sobre a língua. Ao elaborarem tais “saberes” e fomentarem discussões acerca dos pronomes neutros, entendemos que esses sujeitos reiteram, de forma não acidental, suas posições político-ideológicas por meio da construção do *ethos*, entendido como a imagem do enunciador produzida no e pelo discurso.

Embora a linguagem neutra já tenha sido amplamente estudada em diferentes domínios das ciências da linguagem, compreendemos que tais estudos ainda não a abordam a partir da perspectiva da Linguística Popular. Esse deslocamento teórico nos permite realizar uma espécie de “raio-X” do mecanismo de produção da comunicação política no ambiente digital, especialmente nas redes sociais, descrevendo e analisando como a produção de conteúdos de/como linguista popular contribui para a formação de *ethé* alinhados a determinados posicionamentos político-ideológicos. Com base nos postulados da Linguística Popular, propomos descrever e analisar o enquadramento de um sujeito que elegemos como *corpus*, compreendido como não linguista que discute questões de linguagem e que, à primeira vista, não se encaixa nas categorias propostas por Paveau (2018). Identificamos aí uma lacuna que, de forma ainda inicial, buscamos explorar. Ademais, propomos testar a categoria de *ethos* discursivo em ambiente digital, desafio ainda pouco enfrentado tanto no contexto brasileiro quanto internacional.

## **A construção do *ethos* no discurso**

O conceito de *ethos* remonta à Antiguidade Clássica e ocupa lugar central na *Retórica* de Aristóteles (2005). Ao lado de *logos* e *pathos*, o *ethos* integra os pilares da persuasão e diz respeito à imagem de caráter que o orador constrói no discurso para convencer o auditório. Segundo Eggs (2014, p. 29), o *ethos* constitui “[...] a mais importante das três provas engendradas pelo discurso”. Posteriormente, diferentes correntes teóricas ressignificaram o conceito, com destaque para a Análise do Discurso francesa, especialmente a partir das contribuições de Dominique Maingueneau e Ruth Amossy.

Tradicionalmente, o *ethos* associa-se à credibilidade e ao caráter que o orador transmite implicitamente. Aristóteles (2005) já apontava que a eficácia do discurso dependia da capacidade do locutor de se mostrar prudente (*phronésis*), virtuoso (*areté*) e benevolente (*eunóia*) (Maingueneau, 2008a). Nessa perspectiva, o *ethos* não se limita ao que se diz explicitamente sobre o orador, mas se manifesta em elementos como entonação, escolha lexical e modos de dizer, que revelam traços de personalidade aos interlocutores (Ducrot, 1987).

No âmbito da Análise do Discurso, Maingueneau (2008a) amplia essa noção ao enfatizar que o *ethos* constitui uma construção discursiva que se efetiva na enunciação e depende da interpretação do destinatário. A imagem projetada pelo locutor permanece, portanto, sujeita a modulações e transformações conforme os contextos comunicativos.

Maingueneau (2008b) distingue o *ethos* discursivo do *ethos* pré-discursivo. O primeiro refere-se à imagem construída no ato enunciativo; o segundo diz respeito às representações prévias do locutor, que circulam socialmente antes mesmo de sua fala. Essa distinção mostra-se fundamental no discurso político, em que a mídia e os estereótipos sociais moldam antecipadamente a imagem dos sujeitos. Amossy (2014) destaca que o *ethos* não é estático, pois se reconstrói em função das necessidades discursivas e dos quadros socioculturais vigentes.

Como exemplo da complexidade do *ethos*, citamos as entrevistas políticas analisadas por Mesti e Baronas (2019), realizadas com a ex-presidenta Dilma Rousseff entre 2010 e 2016. Nessas interações, o *ethos* não se constrói apenas pelas declarações da entrevistada, mas também pelas perguntas dos jornalistas, que incorporam e contestam a imagem projetada. Os autores demonstram que o *ethos* político emerge como um fenômeno co-construído, em que o jornalista atua como agente ativo na produção da imagem do entrevistado.

## **O *ethos* e os desafios contemporâneos**

Com a evolução das tecnologias de comunicação e a emergência das mídias sociais, o conceito de *ethos* passou a ser explorado sob novas perspectivas. No cenário contemporâneo, não basta que uma figura pública projete uma imagem coerente em aparições pontuais; torna-se necessário que essa imagem ressoe de forma contínua em diferentes plataformas, como redes sociais e veículos tradicionais de mídia. Esse contexto torna o processo de construção do *ethos* mais complexo e exige estratégias comunicacionais integradas (Amossy, 2014).

A relevância do *ethos* no campo político manifesta-se, sobretudo, na necessidade constante de reconstrução da imagem pública. Amossy (2014) exemplifica essa dinâmica

ao analisar o livro autobiográfico de Ségolène Royal, no qual a autora procura transformar um *ethos* negativo em positivo após uma derrota eleitoral, demonstrando a centralidade da reconfiguração discursiva para o reposicionamento político.

Segundo Maingueneau (2010), o *ethos* pode se manifestar de quatro formas: por meio do pseudônimo do locutor, pelo *ethos* dito (quando o orador fala explicitamente de si), pelo *ethos* mostrado (revelado indiretamente pelo discurso) e por imagens que reforçam ou contradizem essa construção. Em entrevistas, o *ethos* resulta de um processo de co-construção, no qual locutor e interlocutor colaboram, disputam e ajustam a imagem projetada.

Nos últimos anos, o conceito de *ethos* ampliou-se para dar conta de fenômenos contemporâneos, como a interação nas mídias sociais e os debates políticos digitais. Maingueneau (2014) propõe que analisemos o *ethos* a partir de três dimensões: categórica, experiencial e ideológica. A dimensão categórica refere-se aos papéis sociais assumidos pelos sujeitos em diferentes contextos; a experiencial envolve vivências pessoais que conferem autenticidade ao discurso; e a ideológica corresponde às posições políticas, culturais e éticas que orientam as escolhas discursivas.

Nas redes sociais, observamos que o *ethos* se reconfigura em tempo real, com a participação ativa dos seguidores na validação ou contestação da imagem pública. Essa dinâmica favorece a emergência de múltiplos *ethé* para um mesmo sujeito, dificultando o controle da imagem projetada e intensificando o caráter interativo da construção discursiva. Desta maneira, os desafios contemporâneos colocam em evidência a necessidade de contínuas reflexões sobre o *ethos*. A globalização, a fragmentação dos discursos e a circulação instantânea de informações ampliam as possibilidades de construção e contestação das imagens de si. Analisar o *ethos* sob essas novas condições exige um olhar atento às interações digitais, às práticas midiáticas e aos contextos socioculturais em constante transformação, reafirmando a relevância desse conceito para a compreensão das dinâmicas discursivas atuais.

## **Linguística Popular: a produção de saberes linguísticos pelos não linguistas**

A Linguística Popular vem ganhando relevância no Brasil, ainda que se encontre em processo de consolidação. Caracterizamos esse campo pela investigação de saberes linguísticos produzidos por sujeitos sem formação acadêmica em Linguística, mas que, por meio de suas práticas discursivas, elaboram reflexões sobre a língua. Essa abordagem contrasta com a linguística científica tradicional, voltada à descrição sistemática dos fenômenos linguísticos (Paveau, 2018).

Segundo Paveau e Bayle (2020), as práticas da Linguística Popular podem ser categorizadas em quatro dimensões principais: descritivas, prescritivas, intervencionistas e militantes. Essas práticas emergem em diferentes contextos sociais e culturais, mobilizando discursos sobre a língua para além das instituições acadêmicas formais. Assim, a Linguística Popular inclui desde comentários cotidianos sobre a norma linguística até intervenções que carregam implicações ideológicas e políticas, como o uso e a rejeição de pronomes neutros.

Na perspectiva da Linguística Popular, qualquer pessoa pode produzir saberes linguísticos, independentemente de possuir formação formal na área. Dessa forma, o trabalho de Paveau (2018) sugere que os saberes linguísticos não são prerrogativas exclusivas dos linguistas profissionais. Em sua abordagem antieliminativa, a autora argumenta que qualquer sujeito pode construir conhecimento sobre a linguagem, ainda que de forma intuitiva ou amadora. Essa visão amplia o escopo da linguística, permitindo o estudo de discursos populares sobre a língua e destacando a importância de práticas linguísticas situadas no cotidiano.

Neste contexto, os discursos de não-linguistas ganham relevância em ambientes digitais, onde é possível observar a articulação de ideias e debates que transitam entre a norma linguística e as questões identitárias. O uso de pronomes neutros, como “todes”, por exemplo, tornou-se uma pauta central, mobilizando tanto defensores quanto opositores da inclusão linguística. A rejeição ou defesa desses pronomes não se limita ao plano linguístico, mas reflete posicionamentos políticos e culturais mais amplos, como objetivamos demonstrar neste ensaio.

A Linguística Popular também se manifesta na comunicação política, especialmente no ambiente digital, onde discursos sobre a língua se conectam com posicionamentos ideológicos. Os debates sobre linguagem neutra nas redes sociais são um exemplo com grande potencial de evidenciar como questões linguísticas são apropriadas por atores sociais para reforçar identidades políticas. Como demonstra Maingueneau (2020), o *ethos* do enunciador é moldado por essas interações, evidenciando que as discussões sobre a língua são um terreno fértil para a disputa simbólica.

Essas interações envolvem processos de co-construção do *ethos*. Nelas, a imagem do enunciador é continuamente negociada e ajustada em função das respostas do público. Maingueneau (2022) destaca que, no ambiente digital, o *ethos* não se limita ao discurso falado ou escrito, sendo também configurado por elementos visuais e performativos, como *hashtags* e memes. Assim, a construção do *ethos* envolve não apenas a palavra, mas uma série de recursos semióticos que atuam na formação da imagem pública do enunciador.

Um dos principais desafios da Linguística Popular é lidar com a natureza fragmentada e multifacetada dos discursos produzidos pelos não-linguistas. Ao mesmo tempo, essa diversidade representa uma oportunidade para expandir os horizontes da pesquisa linguística, permitindo a inclusão de novos objetos de estudo e perspectivas. Nesse sentido, a análise dessas práticas discursivas é fundamental para compreender como a linguagem é mobilizada em contextos sociais complexos, especialmente em tempos de polarização política.

## O *ethos* do linguista popular nas redes

De acordo com Maingueneau (2008a), a linguagem nunca é neutra; ela está imbricada em uma rede de significados culturais e sociais, e os discursos populares sobre a língua são um reflexo das disputas que permeiam essa rede. Observemos, a seguir, a Figura 1.

Figura 1. Print “ecológico” de postagem no Instagram



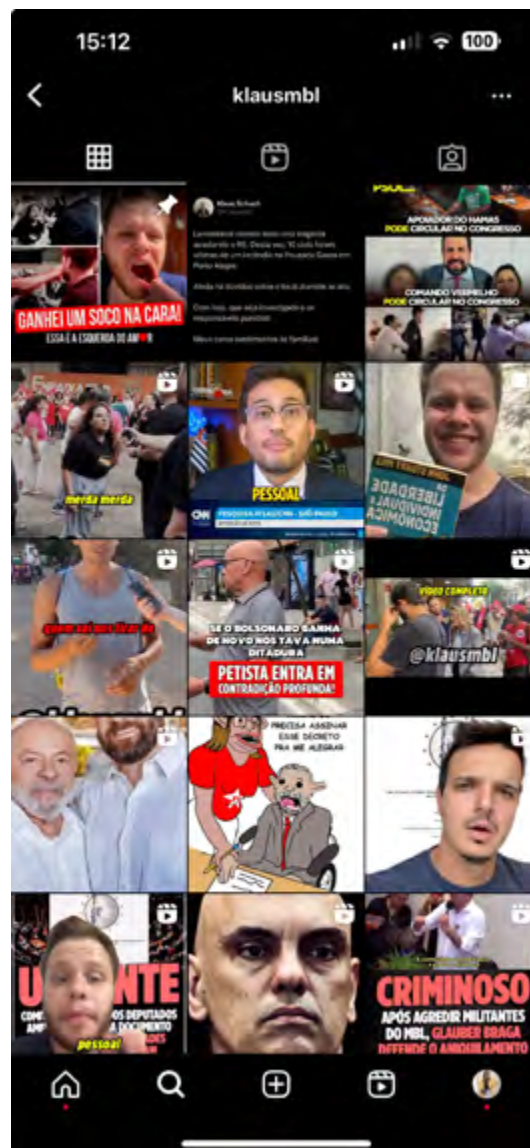
Fonte: Instagram

Nesta publicação, observamos uma imagem de montagem/colagem, publicada pelo Ig Klausmbl, em 3 de novembro de 2023. Na imagem, o enunciado “Curiosidade” se destaca, em caixa-alta, e, na sequência, “Academia Brasileira de Letras não vê razão para adoção oficial da linguagem neutra”. Ademais, vemos na imagem os enunciados aderentes (Maingueneau, 2020): “Klaus Schuch”, “@KLAUSMBL” e os símbolos do Instagram, Facebook e Tiktok. Acima, na imagem, temos o jogo de letras formando “Academia Brasileira de Letras” e “Todes”.

Ao considerarmos apenas a imagem, parece se tratar de uma divulgação de informação. No entanto, quando olhamos para a legenda da foto, “Não tem TODES pra ABL” e *emoticons* de risos, parte ecológica da postagem, percebemos a ressignificação da “notícia”, que resume a questão da linguagem neutra ao *todes*. No mesmo alinhamento, as *hashtags* nos incitam à mesma interpretação: #politicamentecorreto, #humor, #direita: não se trata (apenas) de um comentário de divulgação de uma notícia, como sugere a imagem, momento no qual poderíamos pensar na inscrição desse sujeito como um linguista popular, na definição do não-linguista que fala sobre a língua, mas, sim, na apropriação desse lugar para, assim, construir seu *ethos* de “direita”, conforme *hashtag*. Ainda, por meio delas, percebemos que o *ethos* de linguista popular, incitado pela discussão do “#português”, no “#brasil”, inclusive estando entre as primeiras (*status* que garante diferenciada interpretação dos algoritmos, localizando-se em uma posição privilegiada).

Quando observamos o perfil do autor da postagem, percebemos que não se trata, ali, de um linguista, ou, ao menos, de um perfil reservado a discutir questões de/sobre língua. Seus conteúdos são variados, significativamente com temas relacionados à política, conforme podemos ver na Figura 2.

Figura 2. Print “ecológico” de perfil no Instagram



Fonte: Instagram

Essa observação impulsionou uma de nossas inquietações: seria possível descrever a relação entre o sujeito que discute questões de língua portuguesa, num papel que denominamos de linguista popular, e os discursos relacionados à (extrema) direita e, mais amplamente, a discursos de ódio, fabricação de inimigos e, conseqüentemente, aos ataques às instituições democráticas no Brasil (tornando-se a base para se fazer tal análise no mundo)?

O *todes*, em “Não tem todes na ABL”, mencionado na legenda da postagem, vai além de uma não concordância de questões de linguagem, a neutra, mas aciona determinada linha de discurso de ódio, a de preconceito contra minorias, que não devem se ver representadas na ABL. Assim, evidencia-se que valores não democráticos são colocados em pauta via comentários de/sobre a língua/linguagem.

De acordo com Marie-Anne Paveau (2017), os discursos produzidos no ambiente digital da *web 2.0* devem ser interpretados como *tecnodiscursos*. O termo “tecno-” não funciona apenas como um prefixo que modifica o significado de forma superficial; ele representa uma escolha teórica que transforma a maneira como a linguagem é tradicionalmente estudada. Essa perspectiva destaca que os discursos digitais não são puramente linguísticos, pois elementos técnicos participam ativamente na configuração das formas tecnolinguísticas. Além disso, a autora sugere substituir a visão antropocêntrica e logocêntrica por uma abordagem ecológica e integrativa na qual tanto agentes humanos quanto não humanos desempenham papéis importantes na produção de significados.

No sentido como colocamos aqui, a construção do *ethos* é central na Linguística Popular, especialmente quando sujeitos não-linguistas utilizam plataformas digitais para elaborar discursos sobre a língua e se posicionar em debates de natureza linguística, cultural e política. Conforme a teoria de Dominique Maingueneau (2008a, 2020), o *ethos* é uma imagem discursiva de si, construída e interpretada durante o ato de enunciação. No contexto da Linguística Popular, essa imagem envolve um esforço contínuo de legitimação dos discursos, que visa consolidar a credibilidade e a autoridade do enunciador diante do público.

Assim, embora não possuam formação na área da linguística, os sujeitos que se posicionam como “linguistas populares” produzem um *ethos* fundamentado na interação entre discursos pessoais, ideológicos e performativos. Esses discursos frequentemente combinam referências intuitivas à gramática com posicionamentos políticos, evidenciando a forma como esses sujeitos procuram se apresentar como vozes *legítimas* em discussões sobre a norma e a mudança linguística. Dessa forma, de acordo com Paveau (2018), a Linguística Popular não deve ser subestimada, pois representa um campo de saberes relevantes que expressam perspectivas sociais e culturais amplas, ainda que distantes dos parâmetros da linguística acadêmica.

Para este artigo, de caráter ensaístico, trouxemos apenas um gesto interpretativo de uma única conta do Instagram, mas a experiência e a observação a inúmeros perfis nos mostra uma regularidade que nos faz acreditar que é possível considerar que a construção do *ethos* dos linguistas populares envolve um esforço constante para consolidar uma imagem de autoridade e legitimidade. No ambiente digital, essa construção se manifesta não apenas pelo conteúdo dos discursos, mas também pela forma como eles são apresentados, incluindo o uso estratégico de *hashtags*, memes e referências culturais.

Ao debater temas polêmicos como o uso de pronomes neutros, por exemplo, podemos observar na rede que muitos desses enunciadores buscam reafirmar sua credibilidade ao recorrer a normas gramaticais tradicionais ou apelando ao “senso comum”, um discurso que ressoa com certos públicos e reforça uma identidade ideológica específica.

Além disso, os sujeitos recorrem frequentemente a estratégias de *performance* que incluem a ironia e o humor, elementos que contribuem para a construção de um *ethos* de proximidade com o público, ao mesmo tempo em que tentam se distinguir das elites intelectuais. Assim, o *ethos* dos linguistas populares é híbrido: ele combina uma postura de autoridade com a tentativa de parecer acessível e conectado às preocupações cotidianas do público.

A construção do *ethos* de linguistas populares não é apenas uma questão de apresentar uma imagem dita positiva, mas também de alinhar essa imagem a determinados valores e ideologias. No contexto brasileiro, discursos sobre a linguagem frequentemente se sobrepõem a discussões ideológicas, especialmente no que se refere a questões de identidade de gênero e inclusão linguística. Assim, o *ethos* do linguista popular muitas vezes assume um caráter militante – apesar de não o ser –, em que a defesa ou a rejeição de práticas linguísticas específicas se torna uma forma de expressar posicionamentos políticos.

A análise de discursos favoráveis à linguagem neutra exigiria a constituição de outro *corpus*, o que ultrapassa os limites deste artigo. Ainda assim, o contraste com esse tipo de posicionamento permite levantar a hipótese de que diferentes formas de engajamento no debate tendem a produzir diferentes configurações de *ethos*, hipótese que deverá ser testada em investigações futuras com *corpora* mais amplos. O *ethos* é, portanto, constantemente negociado e ajustado em função das reações do público e das demandas ideológicas do momento.

Essa dimensão ideológica do *ethos* é fundamental no ambiente digital, onde a circulação rápida de discursos permite que diferentes versões da mesma imagem pública sejam constantemente contestadas e reconfiguradas. Como Maingueneau (2020) sugere, no ambiente digital o *ethos* não é apenas uma construção individual, mas também um fenômeno coletivo e interativo, no qual os interlocutores participam ativamente da legitimação ou da deslegitimação da imagem projetada pelo enunciador.

Dessa forma, no ambiente digital, o *ethos* dos linguistas populares não é construído de forma isolada, mas em interação constante com outros sujeitos e com as plataformas tecnológicas que mediam essas interações. Como pontuamos, Paveau (2017) descreve esse tipo de discurso como um *tecnodiscurso*, no qual elementos técnicos e discursivos se entrelaçam para moldar a forma e o impacto das mensagens. Assim, o *ethos* dos linguistas populares é também um *ethos* coletivo, construído em diálogo com outros

atores sociais e com as ferramentas digitais que ampliam a circulação e a visibilidade dos discursos.

Esses *tecnodiscursos* permitem que diferentes grupos reforcem ou contestem as imagens projetadas pelos linguistas populares. *Hashtags*, por exemplo, funcionam como marcadores identitários e ideológicos, que não apenas organizam os discursos, mas também orientam a interpretação do público. Assim, ao utilizar *hashtags* como *#portuguêsráiz* ou *#politicamenteincorreto*, os enunciadores constroem um *ethos* que se alinha a determinadas visões de mundo e que busca legitimar sua voz no debate público. Além disso, as plataformas digitais favorecem a criação de comunidades discursivas nas quais certos discursos e *ethé* ganham legitimidade e se tornam dominantes. Como apontado por Maingueneau (2020), a construção do *ethos* nesses contextos é dinâmica e depende da interação contínua entre diferentes atores, que disputam a construção simbólica de significados e valores no espaço público digital.

## Considerações finais

A construção do *ethos* na Linguística Popular evidencia como a linguagem é um campo de disputa, onde diferentes atores competem para estabelecer legitimidade e autoridade. No ambiente digital, essa disputa se intensifica, pois as plataformas tecnológicas ampliam a visibilidade e a circulação dos discursos, ao mesmo tempo em que favorecem a formação de comunidades discursivas alinhadas ideologicamente. A análise do *ethos* dos linguistas populares revela não apenas as estratégias de construção de credibilidade e identidade, mas também as dinâmicas de poder que permeiam o uso da linguagem na sociedade contemporânea. Como demonstram Maingueneau (2020) e Paveau (2018), o estudo dessas práticas é essencial para compreender a forma como a linguagem é mobilizada para reforçar ou contestar valores sociais e culturais, contribuindo para uma visão mais abrangente e crítica dos discursos que circulam no espaço público.

As análises desenvolvidas neste artigo-ensaio permitiram examinar, a partir de um estudo de caso, como a discussão sobre a linguagem neutra pode funcionar como operador de construção do *ethos* em práticas discursivas situadas no ambiente digital. Longe de pretender representar a totalidade dos debates sobre o tema nas redes sociais, o recorte aqui adotado buscou funcionar como um observatório teórico para refletir sobre a articulação entre Linguística Popular, tecnodiscurso e inscrição ideológica.

No caso analisado, observa-se que o discurso sobre a língua é mobilizado como recurso de legitimação simbólica e de afirmação identitária, produzindo um *ethos* alinhado a determinadas posições ideológicas. Esse funcionamento confirma a produtividade da noção de *ethos* para a análise de práticas discursivas digitais e reforça a pertinência da Linguística Popular como campo de investigação das formas contemporâneas de produção de saberes sobre a língua. Ademais, esse cenário revela a interação entre a

Linguística Popular e a ideologia, na medida em que discursos sobre a linguagem são utilizados para reafirmar ou contestar posições políticas e culturais.

Os resultados apresentados devem ser compreendidos, portanto, como indicativos e exploratórios. Eles não autorizam generalizações sobre o conjunto dos sujeitos envolvidos no debate sobre linguagem neutra, mas apontam pistas analíticas para pesquisas futuras, baseadas em *corpora* mais amplos e diversificados, capazes de mapear regularidades, contrastes e variações na construção do *ethos* em discursos sobre a língua nas redes sociais.

Esses fenômenos evidenciam que a Linguística Popular gera grandes frutos ao ser analisada em diálogo com a Análise do Discurso. A construção de um *ethos* político por meio da discussão sobre a língua demonstra como práticas discursivas cotidianas são mobilizadas para legitimar posições ideológicas, mostrando que a linguagem é, em si, um campo de disputa simbólica e política (Maingueneau, 2020).

Por fim, as reflexões apresentadas ao longo deste texto indicam que o estudo do *ethos* continua relevante e desafiador, especialmente diante das transformações nas formas de comunicação e nas expectativas sociais. A compreensão dessa noção é fundamental tanto para estudiosos quanto para profissionais que atuam em contextos em que a construção da imagem é estratégica, como na política e na comunicação.

## Referências

AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2014.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução Manuel Alexandre Júnior et al. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

EGGS, E. O ethos na retórica clássica. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 29-45.

MAINGUENEAU, D. *O discurso digital*. São Paulo: Parábola, 2022.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2020.

MAINGUENEAU, D. *Variações sobre o ethos*. São Paulo: Parábola, 2014.

MAINGUENEAU, D. *O discurso político*. São Paulo: Contexto, 2010.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008a.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2008b.

MESTI, P. C.; BARONAS, R. L. A (re)construção do ethos discursivo: reflexões sobre as imagens de si em sujeitos em interação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 61, p. 1-13, 2019. DOI: 10.20396/cel.v61i0.8655025. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8655025>. Acesso em: 10 nov. 2024.

PAVEAU, M-A. *Análise do discurso digital*. Campinas: Pontes, 2020.

PAVEAU, M-A. *Linguística folk: uma introdução*. Campinas: Pontes, 2018.

PAVEAU, M-A. Os tecnodiscursos da web 2.0. In: PAVEAU, M-A. *Linguagem e moral*. Campinas: Pontes, 2017.

PAVEAU, M-A.; BAYLE, N. *Linguística popular e práticas discursivas*. Campinas: Pontes, 2020.